

SUSTENTABILIDADE RECICLANDO NOSSOS C SOBRE O LIXO

Por Godofredo Couto e Marilei Birck Ferreira

Quando pronunciamos a palavra “lixo” ou nela pensamos, logo vem à mente algo relacionado a sujeira e mau cheiro, o que nos leva a sentir nojo. No entanto, lixo agora virou resíduo e adquiriu seu valor. O tema tem se tornando cada vez mais popular. Aos poucos, coleta seletiva, reciclagem, biomassa e modelos de coleta inovadores vêm sendo praticados em muitas cidades, demonstrando que o lixo pode se tornar algo útil e “limpo”.

Enquanto nos países desenvolvidos existem vários tipos de coleta limpa e tratamentos diversificados dos resíduos, nos países subdesenvolvidos ainda existem os chamados “lixões” abertos, onde toneladas de resíduos sólidos são despejadas. Isso sem falar dos lixões clandestinos. Resultado: poluição e perigo de doenças. Muito do lixo tem como destino nossas águas, hoje já em momentos de escassez. A população cada vez aumenta mais e com ela muito lixo se acumula nas cidades e acaba nos mares. A situação mundial, e a brasileira especificamente, é muito preocupante.

Segundo levantamento de 2013, feito pela Associação Internacional de Resíduos Sólidos (ISWA), os 7 bilhões de habitantes do Planeta geram cerca de 1,4 bilhão de toneladas de resíduos urbanos, e metade da população, concentrada em países da África, do sudeste asiático e da América Latina, não possui atendimento de coleta de lixo. O mesmo estudo aponta que 10 milhões de

toneladas de plástico são despejadas nos oceanos todos os anos. A previsão é de que, em 2050, a produção de resíduos urbanos passe dos 4 bilhões de toneladas anuais.

O professor Maurício Waldman, pós-doutor em Geografia pela Universidade de Campinas (Unicamp), em seu livro *Lixo: cenários e desafios*, chegou à conclusão de que não há planeta para tanto lixo produzido e apenas com uma mudança de hábitos de consumo será possível reverter a situação. Segundo o professor, não há mais espaço para o depósito de resíduos, e isso virou um enorme problema de logística.

Somente no Brasil, foram geradas, em 2013, mais de 76 milhões de toneladas de resíduos sólidos. Desse total, 41,7% seguiram para lixões ou aterros controlados, que não possuem sistemas necessários para proteção do meio ambiente e da saúde pública. Esse é o resultado levantado pelo Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil, estudo feito pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe).

O fim dos lixões já estava definido na Medida Provisória nº 651/2010, que trata de ações de incentivo à economia. A data para substituição dos lixões por aterros sanitários era prevista para



DADE: ONCEITOS

agosto de 2014. No entanto, a Câmara dos Deputados aprovou, em 14 de outubro, a ampliação desse prazo em mais quatro anos para que as prefeituras façam a adequação necessária para essa mudança.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o setor de reciclagem movimenta cerca de R\$ 12 bilhões por ano no Brasil. No entanto, são perdidos em torno de R\$ 8 bilhões, devido aos resíduos destinados a aterros ou lixões sem ser reciclados. Segundo o instituto, apenas 8% dos municípios brasileiros possuem o serviço. Portanto, o potencial econômico dos resíduos sólidos é muito grande.

Um dado importante é que quase todo o material reciclável coletado no país é recolhido por catadores contratados pelas prefeituras. Os órgãos públicos fazem parcerias com organizações de catadores, conforme permitido pela Lei nº 11.445/2007, que estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico. Dessa forma, as cooperativas viraram um negócio lucrativo. No entanto, os mais de 400 mil catadores em todo o Brasil têm renda média de R\$ 571,56 (dados de 2013). Apenas 10% dessa categoria está organizada em cooperativas.

IDEIAS SUSTENTÁVEIS

Esta edição inaugura uma nova seção do jornal sobre sustentabilidade. O objetivo é apresentar ideias, experiências e inovações que mostrem como podemos enfrentar o desafio de criar um mundo melhor. Se você tiver interesse em se aprofundar em algum assunto, envie sua sugestão de matéria para o e-mail vicom@anabb.org.br. ■

ENTREVISTA COM O PROFESSOR MAURÍCIO WALDMAN

AÇÃO: Como o Brasil está hoje em relação à coleta e à seleção do lixo?

PROFESSOR: Utilizar a palavra “caos” seria uma verbalização simplória diante de um desastre de grandes proporções que nos aguarda, tanto em termos ambientais em geral quanto em termos de saúde pública em particular. Atente-se que o Brasil, representando 3% do PIB mundial, gera 5,5% do lixo urbano planetário. Nos últimos dez anos, a população do país expandiu 9,65%. Contudo, no mesmo decênio, a geração de lixo cresceu mais do que o dobro deste percentual, batendo a casa dos 21%.

AÇÃO: Existem experiências que explicitem a força da atuação cidadã no tocante ao lixo?

PROFESSOR: Gostaria de destacar a experiência da cidade de Tibagi, no Paraná. Trata-se de um município de pouco mais de 20 mil habitantes que, longe dos holofotes e dos mimos da imprensa, chega a reciclar 74% do lixo, um excelente exemplo para o país. O município lançou em 2009 o programa Recicla Tibagi, voltado para a destinação correta de resíduos sólidos, reaproveitando os resíduos domiciliares com o concurso de segregação correta e o recolhimento sistemático dos refugos. O Recicla Tibagi gera trabalho e renda para catadores.

AÇÃO: Você disse recentemente que o mundo não comportará todo o lixo que produz. Poderemos chegar a essa situação?

PROFESSOR: O que temos diante de nossos olhos já configura uma situação de calamidade sem precedentes históricos. A civilização moderna está regurgitando lixo por todos os poros. E mais, os descartados estão encobrindo o globo sem encontrar resistência. Diversos cálculos assinalam que a sociedade moderna gera 30 bilhões de toneladas de resíduos por ano.

AÇÃO: Quais as soluções para que os problemas relacionados ao lixo possam diminuir ou acabar?

PROFESSOR: É necessário rever os modelos de consumo, repaginar a economia dos materiais, incentivar a educação ambiental e implantar a reciclagem em larga escala. Entre estas medidas, constam a compostagem doméstica da fração úmida do lixo e uma clara política de incentivo à indústria recicladora, no caso obrigatoriamente incluindo os catadores de materiais recicláveis. É fundamental apoiar os catadores, desenvolver programas de lixo-educação, desobrigar tributos das atividades recicladoras. Precisamos de inovação, criatividade e determinação administrativa.

Maurício Waldman, pós-doutor em Geociências, atualmente realiza pesquisa sobre catadores, incineração e reciclagem do lixo, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).